

Livre Graça versus Livre-Arbítrio

Wilbern Elias Best

Tradução livre: Felipe Sabino de Araújo Neto

felipe@monergismo.com

Índice

Introdução	3
Liberdade da Vontade (Efésios 1:1).....	5
A Escravidão da Vontade (João 5:40).....	12
A Depravação da Vontade (Tiago 1:14,15).....	20
Deus Destronado pelo Livre-Arbítrio (João 5:40; Atos 18:27; 1 Pedro 1:18-25).....	26
Predestinação e Livre-Agência (Romanos 8:29,30; Efésios 1:5,11)	34

I

Introdução¹

“O lábio veraz permanece para sempre...”, lemos em Provérbios 12:19. Deveras, a verdade é verdade, mas a verdade pode ser adulterada. Disto devemos nos acautelar. O homem de Deus nunca deve torcer as Escrituras ou manuseá-las enganosamente (2 Pedro 3:16; 2 Coríntios 4:2). Ele deve sempre lembrar que a verdade está baseada sob o sentido das Escrituras antes do que sobre o seu som. As Escrituras devem ser comparadas com as Escrituras para se descobrir a verdade de qualquer assunto bíblico.

Isto se aplica especialmente à contínua discussão da livre graça versus o livre arbítrio. João 6:37, no qual lemos, “... e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”, soa para muitos como que se qualquer um pudesse vir a Cristo. Contudo, o sentido do verso é inteiramente diferente. A primeira parte do verso declara, “Todo o que o Pai me dá virá a mim...”. Por conseguinte, somente aqueles dados ao Filho pelo Pai vêm a Ele.

As posições opostas sobre a livre graça versus o livre arbítrio, Calvinismo e Arminianismo, têm suas origens no pensamento de Agostinho e Pelágio, respectivamente. Agostinho (354-430) revelou sua posição sobre este assunto em suas CONFISSÕES. Ele cria que quando Adão caiu, toda sua posteridade caiu com ele. “Todos os homens são depravados”, dizia Agostinho. Ele sustentava que os homens não podiam ter livre-arbítrio, mas eram escravizados no pecado. Pelágio (360-420), por outro lado, negava a depravação total do homem. Ele enfatizava que o homem tem um livre-arbítrio e que pode ser salvo se ele assim o desejar.

Como Agostinho, João Calvino cria na livre graça; e como Pelágio, Tiago Armínio (Jacobus Arminius) cria no livre-arbítrio do homem. Não há compatibilidade entre as idéias de Agostinho e Pelágio, e não há nenhuma entre as visões de Calvino e aquelas de Armínio. Além do mais, não há harmonia intelectual hoje entre aqueles que crêm

¹ Traduzido em 27 de Dezembro de 2003.

na livre graça e aqueles que crêem no livre arbítrio. O primeiro sustenta que o soberano Deus está no trono e o homem está aos Seus pés; o último credita ao homem a autoridade de escolher a Deus ou rejeitá-Lo.

Os advogados da livre graça aceitam a doutrina bíblica da predestinação. Eles também abraçam estas verdades bíblicas: (1) O homem é uma criatura caída e não tem um livre-arbítrio para fazer o que é espiritualmente bom. (2) A justificação é através da fé, que é um dom de Deus. (3) Os dons e a vocação de Deus são concedidos sem arrependimento da parte de Deus, assim como da do crente.

Sustentadores do livre-arbítrio negam a doutrina bíblica da predestinação e afirmam o seguinte: (1) A raça humana possui um livre-arbítrio para fazer o que é bom. (2) A justificação vem por uma fé que merece salvação. (3) Visto que a fé do homem vem de si mesmo, ele não tem segurança de que não a perderá algum dia. (Arminianos estão divididos em dois campos sobre esse assunto. Alguns crêem que uma pessoa pode ser salva hoje e perdida amanhã. Outras crêem que uma vez salva, a pessoa é sempre salva).

Agora que as posições básicas foram delineadas, consideraremos o que as Escrituras dizem com respeito à livre graça e ao livre-arbítrio.

2

Liberdade da Vontade²

(Efésios 1:1)

A idéia bíblica de liberdade da vontade pode ser entendida somente estudando-a desde o começo da Bíblia. Mas por outro lado, um estudo de qualquer verdade bíblica deve começar dessa maneira. Da mesma forma que paradas incorretas extraídas de um órgão trazem desarmonia, assim também uns poucos versículos isolados das Escrituras, retirados de seu contexto, parecem ensinar coisas que não se harmonizam com todo o ensino da Palavra de Deus.

A liberdade absoluta da vontade pode pertencer somente a Deus. Nenhuma lei restringe a vontade de Deus, porque Ele é a Sua própria lei. Visto que Deus é soberano, nenhum poder pode sobrepujar Sua vontade. Ele é onipotente. Ele “...faz todas as coisas segundo o conselho da sua própria vontade” (Efésios 1:11). A vontade de Deus é irresistível, fixa e eterna: “... pois, quem resiste à sua vontade?” (Romanos 9:19). Ela é eterna porque Deus não muda: “Eu, o Senhor, não mudo...” (Malaquias 3:6). O Senhor Jesus Cristo, a segunda Pessoa da Divindade, é o mesmo ontem, hoje, e para sempre (Hebreus 13:8). Com Deus “...não há mudança nem sombra de variação” (Tiago 1:17). A vontade de Deus não pode ser mudada para melhor porque Deus não pode ser melhor. Ela não pode ser mudada para pior porque Deus não pode ser menos do que Ele é.

A vontade de Deus não é sujeita a ninguém, mas a vontade de todo homem é sujeita a Deus. Deus não determina salvar homens sobre a base da vontade deles de serem salvos. Tivesse Ele assim resolvido, a vontade do homem determinaria a vontade de Deus. Mas isso é impossível (e herético) – a liberdade de Deus indica que Ele não está sob nenhuma compulsão fora de Si mesmo. Ele age de acordo com a lei de Seu ser. Deus é auto-movido, e incapaz de pecar.

² Traduzido em 27 de Dezembro de 2003.

Quanto mais intenso o poder da autodeterminação, mais intensa será a liberdade. Conseqüentemente, a liberdade da vontade é atribuível somente a Deus. Cada criatura é responsável para com Ele. Uma vontade auto-determinada à absoluta santidade – a vontade de Deus – é marcada pela mais alta liberdade. A liberdade em Deus é uma autodeterminação imutável; de modo oposto, a liberdade em um ser finito – Adão antes da queda – é uma autodeterminação mutável. A verdade de que a liberdade em Deus é uma autodeterminação imutável é a chave para o resto da discussão da liberdade da vontade.

A vontade de Deus é a lei do universo, não a vontade do homem. Se não houvesse um ser tal como o supremo e imponente Jeová, o universo rapidamente se tornaria caótico. Se não houvesse nenhum amor eletivo livre, todo ministro fecharia seus lábios, e cada pecador sentar-se-ia em mudo desespero. As Escrituras não registram um só caso de uma limitação na vontade de Deus. Sua vontade de propósito é suprema, e é efetuada sem derrota (Romanos 9:19; Tiago 1:17). Mas nós necessitamos distinguir entre vontade de propósito de Deus e Sua vontade de preceito. Os homens são responsáveis por cumprir a última, mas a vontade de propósito de Deus não é totalmente revelada ao homem: **“As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus, mas as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre...”** (Deuteronômio 29:29).

Mas, e a vontade de autodeterminação de Adão? Adão foi criado num estado de retidão. Retidão é um estado mais alto do que a inocência: **“... Deus fez o homem reto, mas os homens buscaram muitos artifícios”** (Eclesiastes 7:29). Alguns se referem à retidão de Adão como “justiça original”; outros a chamam de “justiça criada”; e alguns a rotulam de “santidade”. A retidão de Adão era justiça e santidade num sentido, mas não era absoluta. A santidade, justiça ou retidão de Adão era mutável, porque Deus não pode criar Deus. O que quer que Deus crie deve ser menor do que Ele mesmo.

Alguns crêem que Adão foi criado num estado de equilíbrio, ou indiferença. Ele era inclinado tanto para o bem como para o mal. Portanto, ele poderia se voltar tanto para o Criador como para a criatura. Visto que ele se voltou para a criatura, ele fez a escolha errada. Essa visão errônea foi refutada por grandes estudiosos do passado. As Escrituras desaprovam a asserção de que Adão foi criado num estado de indiferença.

Um estado real de indiferença nunca existiu ou existirá; uma vontade não comprometida nunca ocorrerá dentro de uma consciência humana. Em todo caso, é desnecessário assumir absoluta indiferença para com a santidade e o pecado para se explicar a queda de Adão.

A inocência não descreve suficientemente a condição de retidão de Adão. A retidão original consistia de qualidades positivas. As qualidades intelectuais e morais positivas de Adão antes da queda foram manifestas em sua habilidade para nomear os animais (Gênesis 2:20) e em sua comunhão com o Criador (Gênesis 2:15-25). Algum conhecimento das características dos animais era necessário para nomeá-los. Além do mais, uma retidão positiva era necessária para gozar de uma comunhão positiva com Deus.

O fato de Deus ter criado Adão reto, significa que Adão tinha conhecimento de Deus. Isto é explanado dessa forma: As três faculdades ou poderes da alma humana são (nessa ordem): entendimento, afeição e vontade. A ordem não pode ser revertida. O pecado de Eva confirma a ordem dos poderes da alma. Ela ganhou conhecimento da fruta proibida por vê-la. Sua afeição se dirigiu para a fruta da qual ela ganhou conhecimento. Ela então exercitou sua vontade tomando a fruta. Portanto, visto que Adão foi criado com um entendimento de Deus, uma vontade descompromissada era impossível. Consciência sempre denota uma vontade inclinada, não uma vontade indiferente. Este é o porquê da retidão de Adão ser mais do que uma mera inocência.

A retidão inclui características severas. Adão foi criado reto, um adulto, um espírito, e com uma vontade. Ele não veio para o mundo como todos os outros vêm. O primeiro homem foi criado maduro, sem a necessidade de crescimento e desenvolvimento físico e mental. A idéia de que Adão avançava em estágios de crescimento e aprendizagem contradiz o pensamento da maturidade criada. A maturidade de Adão prova que ele tinha uma vontade inclinada. Ele não estava num estado de equilíbrio, mas sua vontade era inclinada para Deus, seu Criador.

Na maturidade criada, as faculdades intelectuais de Adão continham idéias e padrões inatos. Portanto, sua maturidade o capacitava não somente a nomear os animais, mas a comunicar-se com Deus. Adão foi criado um espírito (Gênesis 2:7). A criação de uma mente finita, ou espírito, implica a criação de retidão. O espírito deve ser distinto da matéria. Os móveis são matéria e devem ser movidos por força. Adão era auto-determinado de dentro. Sua habilidade para se mover de dentro significa sua liberdade. Ele era auto-motivado e não movido por força externa. Auto-moção é autodeterminação, e autodeterminação é o ato da vontade.

A vontade de Adão era uma vontade livre porque ela era auto-determinada. Aquilo que não é forçado exteriormente é livre – mas não absolutamente. Adão era responsável para com Deus. Ele era livre no sentido de que ele era inconsciente de qualquer necessidade imposta sobre si. A liberdade de Deus é imutável, mas a liberdade de Adão era uma autodeterminação mutável.

Pelo ato criativo, a vontade de Adão era inclinada para com Deus – e isto antes de fazer qualquer escolha. Ele foi criado um espírito, e era auto-determinado no instante em que foi criado. Sua autodeterminação foi criada com sua vontade. Adão não poderia ter sido criado sem inclinações. A santa criação de Adão na justiça (ou retidão) original era tanto criada como auto-determinada. Vista com referência a Deus, ela era criada. Vista com referência a Adão, ela era auto-determinada, auto-reguladora, e não forçada exteriormente.

Adão veio ao mundo inclinado para Deus. Essa santa inclinação era ao mesmo tempo produto do Criador e atividade da criatura. Adão não se encontrou em uma posição de escolher o Criador ou a criatura como último extremo. Ele era inclinado para o Criador. Sua própria retidão foi dada por Deus, e não procedeu de sua própria habilidade. De fato, a autodeterminação mutável de Adão conduziu a sua queda, e depois da queda sua vontade foi escravizada ao pecado.

Depois da queda, Adão passou de uma inclinação para Deus para uma inclinação para o pecado. A mudança radical de sua vontade não pode ser considerada por uma escolha antecedente de um estado indiferente da vontade. A mudança radical não poderia ter ocorrido se Adão tivesse sido criado num estado de equilíbrio. Ele caiu de um estado mutável de retidão. Cair de um estado de indiferença não teria sido tão trágico como a queda foi.

Desde a queda de Adão, a vontade de cada pessoa é inclinada para o pecado por natureza. Isso permanece até que o Espírito de Deus a regenere. Então, sua vontade é inclinada para Deus pela graça. A obra da regeneração num indivíduo produz uma mudança tão radical quanto a queda produziu em Adão. Um homem regenerado é uma nova criatura em Jesus Cristo: “**Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras...**” (Efésios 2:10). O novo homem “**...é renovado no conhecimento segundo a imagem daquele que o criou**” (Colossenses 3:10). “**E ele vos vivificou, estando vós mortos...**” (Efésios 2:1). “**...Deus opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade**” (Filipenses 2:13). Deus dá um coração novo e um espírito novo (Ezequiel 36:25-27).

A retidão original de Adão era auto-determinada, mas não auto-originada. Sua queda, todavia, foi tanto auto-determinada como auto-originada. A doutrina da concorrência – cooperação – não pode ser associada com o pecado de Adão ou com sua queda. Deus não é o autor nem do pecado, nem da queda de Adão.

A primeira existência de uma virtude não pode ter vindo do homem, porque Deus é a causa originária de todas as coisas. Todavia, Deus usa causas secundárias. Adão, a causa secundária, foi criado num estado de autodeterminação mutável, que permitia a possibilidade de sua queda. E ele caiu quando mudou de uma inclinação para Deus

para uma egoísta, uma inclinação egocêntrica. A inclinação pecaminosa é produto e atividade da criatura.

O Adão mutável, diferente de seu Criador imutável, podia e perdeu sua retidão. Adão era capaz de perseverar em sua santidade auto-determinada, mas ele era também capaz de começar uma autodeterminação pecaminosa. Sua autodeterminação era para um fim extremo e não para uma escolha de meios para alcançar um fim.

A inclinação difere da volição assim como o fim difere dos meios. Adão caiu em seu coração antes de comer a fruta proibida. Eva, o vaso frágil, foi enganada, mas Adão não. Ele era auto-determinado; isto é, ele desejou comer para poder ser como sua esposa. A inclinação precedeu a escolha. Eva também pecou em seu coração antes dela pecar externamente.

Não é a realização de um pecado que faz de alguém um pecador. Ele já é um pecador antes do ato ser cometido. O Senhor Jesus Cristo identificou o pecado como aquilo que procede do coração: “...que todo aquele que olhar para uma mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela” (Mateus 5:28). O desejo que precede a volição é pecado.

Comer o fruto proibido não originou a inclinação de Adão, mas a manifestou. Sua vontade se inclinou para um fim, e ele escolheu os meios para efetuar o resultado final. A vontade escolhe porque ela já está inclinada.

Esta é a razão porque não há compatibilidade entre o evangelho social e o evangelho presente na Palavra de Deus. Aqueles que proclamam um evangelho social contendem que os homens não são responsáveis por seus atos pecaminosos. Eles atribuem o pecado às condições ambientais ou sociais, que aliviam os pecadores de suas responsabilidades em cometerem pecados. Mas isso são tolices. O pecado não pode ser atribuído à outra pessoa ou coisa. Adão culpou Eva por seu pecado, e com sutileza colocou a culpa sobre o próprio Deus, ou seja, que era Ele quem tinha lhe dado Eva. Mas a racionalização de Adão não alterou os fatos. Ele tinha pecado responsabilmente. Ele tinha ido de uma inclinação para Deus para uma inclinação para satisfazer o seu próprio desejo mal.

A autodeterminação pecaminosa de Adão originou-se dentro de si mesmo. Deus não cooperou na autodeterminação pecaminosa de Adão. Ele criou Adão uma pessoa livre. Os arminianos asseveram que um homem não pode agir livremente a menos que ele tenha a habilidade de cancelar seu ato. Todavia, isso não é válido. Se um homem pular de um edifício para cometer suicídio, mesmo que ele possa mudar sua mente durante a queda, ele não poderá retornar ao topo do edifício. Sua autodeterminação é um ato livre, mas ele não pode reverter o ato. Do mesmo modo, uma vez que Adão

pecou, ele não podia mais retornar ao seu estado original. Ele caiu – corpo, alma e espírito.

A queda do homem tem sido comparada ao desmoronamento de um edifício dilapidado de três pisos. O espírito do homem pode ser comparado com o piso de cima; sua alma, com o segundo piso; e seu corpo, com o sótão.³ O primeiro a ser afetado pela queda foi sua mente, ou espírito. Suas emoções foram influenciadas, e tanto o seu intelecto como suas emoções influenciaram seu corpo. O piso de cima caiu no segundo, e ambos caíram no sótão. O homem foi totalmente afetado na queda. Esta é a razão das pessoas morrerem fisicamente (Romanos 5:12). Uma vez que Adão foi auto-determinado para se voltar de Deus para satisfazer seus próprios desejos, ele não pôde mais retornar ao seu estado original de justiça.

Uma volição pode mudar uma volição, mas nunca mudar uma inclinação. Uma escolha pode mudar outra, mas ela não pode mudar o desejo original. Uma pessoa pode escolher cometer um assassinato, e antes de apertar o gatilho do revólver, mudar sua mente. Ele fez uma escolha. Sua segunda escolha foi contrária à primeira, mas ela não apagou a má inclinação de assassinato que estava em seu coração. A inclinação pode ser removida somente pela graça de Deus. Somente o poder de Deus pode sujeitar e fazer o que o homem não pode fazer por si mesmo.

Assim, portanto, o potencial para reverter uma inclinação pecaminosa não é necessário para fazer uma pessoa responsável pela inclinação. A única coisa necessária é que ele a origine. Adão originou sua auto-inclinação pecaminosa. Ele não somente foi o originador, mas estava ativo na originação. Antes da queda, o poder para auto-determinar o mal era desnecessário para a santidade auto-determinante de Adão.

É importante entender que o entendimento de Adão era inalterável, mas sua vontade era mutável. Certos fatos, tais como rudimentos da aritmética, não podem ser desaprendidos. Contudo, a vontade pode ser radicalmente, totalmente mudada. A queda da vontade de Adão foi uma revolução, não uma evolução.

Vamos sumarizar. Em sua queda Adão não escolheu entre Deus e a criatura. O pecado de Adão no jardim do Éden não foi cometido num estado de indiferença, como se Deus estivesse a sua direita e o desejo mal a sua esquerda. Ele estava num estado de retidão, inclinado para Deus; por sua autodeterminação, ele se voltou de Deus para o mal. Não houve uma escolha entre o Criador e a criatura. Ele foi de uma inclinação para Deus para uma inclinação para o mal, e esta foi sua queda.

³ Essa visão tricotomista do homem, tão comum hoje em dia, não é bíblica. Veja os artigos na seção “Antropologia” do site Monergismo.com para maiores informações.

Espontaneidade num animal é mero instinto físico, mas espontaneidade num homem é baseada na sua capacidade de raciocinar e entender. Ele é um ser racional e não age por mero instinto. A inclinação precede o ato do homem. Algumas coisas apelam ao seu entendimento; suas afeições são influenciadas; e sua vontade age conseqüentemente. Os arminianos, por outro lado, afirmam que a vontade é tanto o determinante como a determinada. Isso demonstra que a vontade é tanto a causa como o efeito. Mas nós vimos que a vontade é a última das três faculdades ordenadas da alma. Ela não causa uma inclinação. Se a vontade causa entendimento, nós podemos facilmente dizer que o rabo balança o cachorro. Se uma pessoa tem uma mente espiritual ela ouve coisas espirituais, suas afeições são motivadas para essas coisas; e ela age conseqüentemente.

Depois da queda, a vontade de Adão foi escravizada ao pecado e ela perdeu sua liberdade natural. Permita-nos declarar aqui que a liberdade moral não é essencial à liberdade natural. Um homem pode escolher sua esposa, profissão, casa, e assim por diante, mas ele não tem o poder para escolher o que é espiritual. Não é necessário para um homem ter habilidade espiritual para sua vontade agir naturalmente.

Os atos da vontade do homem são de duas espécies: (1) Ações da alma que são manifestas nos atos físicos. Alguém decide fazer algo e faz um movimento naquela direção. Muitos seguem um ato da alma quando eles andam pelo corredor, ou permanecem diante de uma igreja declarando que eles estão seguindo a “Jesus”. (2) Ações da alma que ocorrem dentro da própria alma. Isto acontece quando alguém deseja amar a Deus. Isto não pode ser realizado pelo homem natural, o qual odeia a Deus (Romanos 3:8-18; João 3:19-21). Se o desejo de uma pessoa de conhecer ao Senhor é genuinamente motivado pelo Espírito de Deus, sua busca não é em vão (Mateus 7:7). Aquele que sinceramente busca ao Senhor dá evidência de uma operação da graça de Deus; faremos bem em lembrar que Deus não começa nada que Ele não possa completar.

Desde a queda, o homem por natureza pode fazer somente o mal. Quando uma pessoa é nascida de novo, contudo, ela tem um potencial para o bem. Embora ela seja fortemente inclinada para o bem, ela ainda é tentada e algumas vezes pratica o mal. No estado de glória, este não será mais o caso; e o homem será inclinado somente para o bem.

3

A Escravidão da Vontade⁴

(João 5:40)

Houve uma mudança radical na vontade de Adão na queda, e ele foi capacitado para retornar a Deus por outra mudança radical. Não foi Adão quem buscou a Deus, mas antes, foi Deus quem buscou a Adão. A vontade escravizada não pode por si mesma amar a Deus. Então, os homens que amam a Deus o fazem porque Deus os amou primeiro (1 João 4:10).

A vontade escravizada é controlada por suas afeições, que são más, terrenas e sensuais (Tiago 3:15). Como a vontade de Adão agiu de acordo com sua natureza antes da queda, assim, a vontade de cada pecador é livre somente para agir segundo sua natureza. A ação da vontade é determinada pela natureza da pessoa que faz a escolha. A mente carnal é inimizada contra Deus (Romanos 8:7). Somente a graça de Deus pode mudar a vontade que é escravizada ao pecado e fazer com que ela se torne escravizada a Jesus Cristo. A verdadeira liberdade é encontrada somente nesta escravidão: “Pois aquele que foi chamado no Senhor, mesmo sendo escravo, é um liberto do Senhor; e assim também o que foi chamado sendo livre, escravo é de Cristo” (1 Coríntios 7:22). O testemunho escriturístico com relação à liberdade é limitado à relação do homem com Deus.

A escravidão do homem não significa impotência antes, porém, pecado, culpa, rebelião e alienação do Onisciente. O pecado do homem não manifesta sua liberdade, mas sua escravidão. A primeira lição que uma pessoa deve aprender é que ela não tem nem a vontade nem o poder para salvar a si mesma. Deus dá ambos na regeneração. A mudança da vontade na regeneração é tão radical quanto a mudança na vontade de Adão quando ele caiu. Ele desfrutou da liberdade antes de sua queda; então sua vontade se tornou escravizada. Nenhuma pessoa desde Adão jamais teve um livre-

⁴ Traduzido em 28 de Dezembro de 2003.

arbítrio. Os homens são agentes livres, mas eles não têm livre-arbítrio. Uma pessoa que atribui a salvação ao livre-arbítrio do homem nada sabe da livre graça.

Alguém que se adere à doutrina do livre-arbítrio do homem recentemente faz as seguintes declarações: Desafortunadamente Deus não tem poder sobre a vontade do homem; isto é, Deus não pode salvar uma pessoa contra sua vontade, porém ao mesmo tempo, Ele não quer que ninguém pereça. Deus tem feito o possível para que todos os homens sejam salvos, mas a Bíblia indica que a salvação depende da disposição do homem para ser salvo. Seria um tipo de tirania se Deus salvasse as pessoas contra suas vontades. E por causa do livre-arbítrio do homem, é óbvio pela própria definição das coisas que o homem pode negar a vontade de Deus e frustrar Seu plano benévolo.

As declarações acima são freqüentemente feitas por pessoas que crêem no livre-arbítrio. Eles desonram o soberano Deus e exaltam a criatura caída. Os fatos são que a vontade de toda pessoa não salva é escravizada ao pecado. Ela é livre para ir somente a uma direção. Como uma cascata, ela é livre para descer. Os pecadores são livres para agir de acordo com suas naturezas depravadas. Os homens não têm nem a vontade nem a capacidade para vir a Cristo: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o trouxer...” (João 6:44). “E não quereis vir a mim para terdes vida” (João 5:40).

A controvérsia tem existido e continua a existir com relação à (1) natureza, (2) liberdade, e (3) poder da vontade:

I. Aqueles que crêem que a natureza da vontade do homem é tal que ele pode ser salvo a qualquer hora que ele assim o desejar, seguem o ensinamento de Pelágio. Os arminianos crêem que a vontade determina ela mesma. Eles fazem com que a vontade seja soberana, declarando-a ser o determinante e o determinado. Por conseguinte, sua crença faz com que a vontade seja separada das outras faculdades e a coloca em primeiro lugar na ordem dos poderes da alma humana.

Os semi-pelagianos crêem que a vontade do homem é livre, porém necessita de alguma assistência do Senhor. Um dos dogmas dos Católicos Romanos os colocam nesta categoria concernente à natureza da vontade.

Durante a Reforma entre os anos de 1545 e 1563, a hierarquia da Igreja Católica Romanos se reuniu intermitentemente para formular seu dogma. Sua quarta lei canônica afirmava, “Se alguém disser que o livre-arbítrio do homem, movido e excitado por Deus, em nada coopera para se preparar e dispor a receber a graça da justificação – posto que ele consinta em que Deus o excite e chame – e que ele não pode discordar, mesmo se quiser, mas se porta como uma inanimada, perfeitamente

inativa e meramente passiva – seja anátema”. O propósito da reunião do concílio não foi somente para definir a doutrina como eles criam nela, porém, para condenar os Reformadores.

Os Reformadores primitivos ensinaram que havia duas faculdades na alma humana – entendimento e vontade. Eles verdadeiramente afirmaram que o entendimento é primeiro o cognitivo, ou preceptivo, habilidade da mente, e o entendimento é compreendido não somente do intelecto, porém também da consciência da mente. Contudo, um estudo mais completo do tema revelou que havia três faculdades na alma humana – entendimento, sensibilidade e vontade. Mais tardes, os teólogos creram que as três faculdades eram mais bem expressas por referindo-se a elas como entendimento, afeição e vontade. (Afeição foi colocada no lugar da sensibilidade). E assim, vemos que a alma é uma trindade: Seu intelecto é o poder do conhecimento; suas afeições são o poder do sentimento; e sua vontade é o poder da escolha. A vontade é influenciada pelo que é ouvido e entendido; as afeições são afetadas pelo entendimento; e a vontade é influenciada pela volição.

A vontade do homem não pode ser o determinador e o determinado, a causa e o efeito, ou o soberano e o servo. Isto colocaria a vontade em primeiro lugar na ordem dos poderes da alma. Afirmar que a vontade está aparte das outras faculdades da alma, é afirmar que há um homem dentro de um homem que pode reverter o homem e atacar-lhe para quebrá-lo em pedaços. A idéia de que a liberdade da vontade ordena, determina e influencia a si mesma para escolher é contraditória. Se a vontade é influenciada, ou determinada, como os arminianos reivindicam, algo deve fazer com que ela seja influenciada, ou determinada.

A vontade é um agente autodeterminante, porém não é tanto determinadora como determinada. Como a mente pode atuar primeiro e, por seu próprio ato de escolha, determinar qual motivo será a razão para sua escolha? Eva escolhendo e comendo a fruta proibida foi influenciada: Satanás a seduziu, ao dizer-lhe que ela seria como os deuses. Portanto, seu intelecto foi influenciado; sua afeição foi posta na coisa proibida; e ela escolha tomá-la. Tomar a fruta foi um ato da vontade, porém sua vontade foi influenciada.

O homem tem o poder para discernir, discriminar e expressar a si mesmo. O intelecto percebe o que será feito; a consciência instrui a mente no que deve ser feito. Portanto, o entendimento é a faculdade estacionária da alma. Ele pode ser pervertido mediante a instrução inadequada, porém não pode ser radicalmente mudado.

Adão reteve suas capacidades intelectuais depois da sua queda, e continuou fazendo escolhas naturais. Todo pecador escolhe as coisas naturais. Não obstante, ele não pode fazer escolhas espirituais porque ele é depravado, é um inimigo de Deus,

aborrece a Deus, e sua vontade não está inclinada para Deus. Ele aborrece a luz e não vem para a luz, para que suas obras não sejam reprovadas (João 3:19-21).

Toda pessoa não salva é egoísta e aborrece qualquer coisa que intervenha em sua concentração em si mesma. Ele deseja sua própria vontade, não se preocupa sobre a vontade dos outros, e despreza a vontade de Deus. Sua vontade permanece nesta condição até que seja mudada pela graça de Deus. O coração naturalmente duro deve ser removido por Deus e substituído por um novo coração (Ezequiel 36:26).

Embora os Israelitas fossem o povo escolhido de Deus, eles tiveram que ser trazidos ao fim de si mesmos. A providência de Deus fez-lhes ir ao Egito e servir sob capatazes até que conheceram sua impotência. Deus deu-lhes o desejo da libertação, e eles clamaram a Ele para recebê-la. Deus ouviu o clamor de toda pessoa em cujo coração Ele tem feito a obra da graça, e dá o desejo para a libertação das coisas mundanas e um deleite nas coisas espirituais. Nenhuma pessoa deseja a salvação em vão, pois o Deus que dá o desejo também o satisfaz.

A pessoa que deseja ouvir o evangelho e é atraído pelo fato de que Deus o amou de tal maneira que deu Seu Filho para morrer em seu lugar como um Substituto, já tem a obra da graça em seu coração. A vontade, a última faculdade da alma, é determinada por coisas precedentes – entendimento da mente e afeição do coração.

Depois que alguém começou o caminhar Cristão, seu desejo para o Senhor e as coisas do Senhor nunca diminuem. Em vez disso, o zelo aumenta na graça e no conhecimento. A segurança, estabilidade e a esperança são ganhas através do conhecimento de que Deus traz à fruição qualquer coisa que Ele começa.

2. A controvérsia existe sobre a liberdade da vontade. Os pelagianos sustentavam que há liberdade absoluta da vontade. Os semi-pelagianos criam que Deus dá capacidade igual para todos os homens, e que alguns a usam para se tornarem Cristãos, e outros a usam para rejeitar a Jesus Cristo.

O dicionário define o livre-arbítrio como a doutrina que a ação humana expressa a escolha pessoal e não é determinada por forças divinas ou físicas.

Os arminianos definem o livre-arbítrio como um poder na vontade humana pelo qual uma pessoa pode aceitar ou rejeitar a salvação. Sua crença que o livre-arbítrio do homem o capacita para escolher o bem ou o mal nega a depravação. (A maioria entre os religiosos é classificada como arminianos).

Contudo, a Escritura declara que não há alguém que possa resistir à vontade de Deus (Romanos 9:19). Se uma pessoa fora de Jesus Cristo tem a capacidade em sua própria vontade de aceitar ou rejeitar a Jesus Cristo, ela tem maior capacidade que um

Cristão, porque a vontade de um Cristão está sujeita à vontade de Deus (Filipenses 2:12,13).

Os advogados da livre graça adequadamente distinguem livre agência do livre-arbítrio. A vontade do homem não é livre. Por causa da queda, a vontade do homem está naturalmente inclinada para o mal. Ela está sempre inclinada para o que desonra a Deus. O homem caído é livre para atuar segundo sua natureza depravada. Ele é livre da justiça e livre ao pecado: “Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres em relação à justiça” (Romanos 6:20). Até mesmo as coisas retas e honráveis (desde o ponto de vista da justiça civil) são desempenhadas por motivos egoístas e não para a glória de Deus. Uma pessoa deve possuir a graça de Deus para fazer algo para a glória de Deus.

Um agente livre tem o poder para desejar e para atuar como sua vontade ditar. A agência livre é o poder para decidir segundo o caráter de alguém. Toda pessoa é um agente livre porque não é forçada exteriormente, porém ele não tem um livre-arbítrio para Deus. Todo indivíduo está atado desde dentro e só pode atuar segundo sua própria natureza depravada.

O livre-arbítrio supõe uma capacidade na própria vontade para escolher o bem ou o mal. Certamente isto não pode ser verdadeiro de uma vontade depravada. Uma vontade que espontaneamente e de si mesma escolhe a santidade não pode ser chamada depravada. Porém tal vontade não existe em nenhum ser humano. Nenhuma pessoa pode aceitar a Jesus Cristo por sua própria volição. A vontade humana está naturalmente depravada. Um indivíduo faz o que sua vontade deseja. Ele desce ladeira abaixo como um carro sem um motor até que Deus pela Sua graça muda seu curso. Alguém que exercita sua vontade para aceitar a Cristo, então, já recebeu uma nova, mudada vontade na regeneração.

Na queda o homem não perdeu as faculdades necessárias para fazer-lhe uma pessoa responsável. Ele não perdeu sua razão, consciência, ou liberdade de escolha; porém ele perdeu sua liberdade moral, o poder para fazer escolhas espirituais. O homem não é um agente livre porque ele não pode escolher entre o bem ou o mal. Ele escolhe somente o mal.

A autodeterminação de Adão para o mal começou e terminou consigo mesmo. Deus não esteve envolvido nela. De modo oposto, a mudança que ocorre na regeneração é autodeterminação estimulada pelo Espírito de Deus. Na regeneração, a dureza que impede a vontade de atuar na direção de Deus é tirada (Ezequiel 36:25-27). Portanto, pelo poder da graça, a vontade que uma vez foi inclinada para o mal é agora inclinada para Deus. A operação de Deus na vontade escravizada não é forçada exteriormente.

Ele faz a vontade terna e flexível desde dentro. O Espírito Santo é a causa eficiente, e o espírito humano é o recipiente do Espírito na inclinação da vontade para Deus.

3. A controvérsia existe sobre o poder da vontade. Os arminianos crêem que a vontade têm a capacidade para ordenar, determinar e influenciar a si mesma para atuar com respeito ao bem ou o mal. Eles crêem que o homem não pode ser livre sem aquele poder. Porém eles confundem a disposição do homem com sua capacidade.

Se alguém admite o livre-arbítrio (no sentido que a determinação absoluta dos eventos é colocada nas mãos dos homens), ele colocaria o homem em uma posição maior que a de Deus, fazendo a vontade do homem primária e a vontade de Deus secundária. Porém nós sabemos que a vontade de Deus precede a vontade do homem. Não é dependente da vontade de ninguém. O arminiano faz um deus de sua própria vontade. Conseqüentemente, ele deve crer que há tantos deuses como tantas vontades livres, o que é uma espécie e politeísmo.

Não há validade na declaração do arminiano de que Deus deu a mesma capacidade a todos e que alguns a usam para aceitar a Jesus Cristo enquanto que outros a usam para rejeitá-Lo. Isto confunde a indisposição do homem para responder a Cristo com sua inabilidade. Contudo, os dois devem permanecer separados.

Agostinho negou que o homem caído tinha a capacidade de si mesmo para vir a Deus. Ele fez algumas declarações importantes concernentes à vontade humana: (1) A liberdade do homem antes da queda era a potencialidade para pecar ou não pecar. (2) Desde a queda, o homem tem a liberdade para pecar, mas não a capacidade para o bem. (3) No céu, o homem terá liberdade para fazer o bem, mas não o mal.

Agostinho está correto em sua negação de que o homem caído tem a capacidade de si mesmo para vir a Deus. Suas distinções concernentes à vontade humana são também corretas. Em contraste com Agostinho, o Cristianismo professante está longe do ensinamento da igreja primitiva. Quanto mais longe os homens forem dos ensinamentos apostólicos e primitivos, maior será a apostasia deles. Agostinho declarou que a liberdade do homem antes da queda foi a capacidade para pecar ou não pecar. Isto é o mesmo que dizer que Deus deu ao homem poder para perseverar ou não perseverar. (Adão era uma pessoa pecável e não perseverou.) Agostinho distingue entre a agência livre e o livre-arbítrio em sua declaração que desde a queda o homem tem a liberdade para pecar. Como um agente livre, o homem tem a liberdade para pecar, porém ele não tem a capacidade para fazer o bem. Como Agostinho declarou, o homem terá a liberdade de fazer o bem no céu.

Antes da queda, Adão era um agente livre. O homem é um agente livre agora, e ele será um agente livre na eternidade. Mas ele está caído agora e não pode deixar de

pecar: “**tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecar...**” (2 Pedro 2:14). O homem na graça tem um conflito com o pecado (Romanos 7), mas ele pode confessar seus pecados e através disso ser restaurada a sua comunhão com o Senhor. O curso geral do homem na graça é sempre para cima: “**...mas a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito**” (Provérbios 4:18). No céu, o homem terá a liberdade para fazer o bem, mas ele será incapaz de fazer o mal. Durante toda a eternidade ele usará sua livre agência para louvar e honrar ao Senhor.

Os Reformadores ensinaram que a livre agência pertence a Deus, aos anjos, aos santos na glória, aos homens caídos e ao próprio Satanás. Os Puritanos afirmaram que o homem não tem a capacidade para mudar seu estado moral por um ato da vontade.

Os Reformadores estavam corretos em sua afirmação. Deus é um agente livre, porém Ele não pode fazer o mal. Ele faz o que Lhe agrada, porém não pode fazer nada contrário à Sua natureza. As escolhas podem ser feitas somente segundo a natureza da pessoa. Portanto, o homem fora de Jesus Cristo não pode fazer escolhas positivas espirituais. Uma pessoa pode melhorar suas circunstâncias e ambiente, mas sem uma mudança na natureza, ele não pode melhorar sua condição espiritual. De fato, seu fim será pior do que seu princípio (Mateus 12:43-45; 2 Pedro 2:20-22).

Satanás não pode recuperar a benção perdida por um ato de sua própria vontade; nem pode o homem. Nenhuma provisão foi feita para a recuperação de Satanás, e nenhuma provisão foi feita para a recuperação dos anjos caídos. Os anjos caídos estão reservados em cadeias esperando o juízo (2 Pedro 2:4; Judas 6). Quando Deus elegeu alguns dos anjos, Ele os guardou de uma queda. Contudo, Ele não impediu a queda de toda a humanidade em Adão. Alguns dentre a humanidade caída foram escolhidos para serem salvos. Portanto, há esperança para os eleitos em Jesus Cristo dentre a humanidade, porém não há esperança para os anjos caídos.

Satanás teve o poder de autodeterminação. Ele não foi tentado exteriormente como Eva foi (ou como Adão foi tentado através de Eva). Não havia nada fora de Lúcifer para tentar-lhe. Esta é a razão pela qual sua queda o deixou sem esperança.

Os Puritanos corretamente declararam que o homem não tem a capacidade para mudar seu estado moral por um ato da vontade. O homem deve ser um agente livre para ser responsável diante de Deus. Contudo, alguém não pode atribuir a agência moral ao homem. A livre agência é o poder para decidir de acordo com o caráter de alguém. O livre-arbítrio é o poder de mudar o caráter de alguém por volição ou escolha. A livre agência pertence a todo homem, mas o poder para mudar o caráter de alguém pelo exercício da vontade não pertence à humanidade. O homem é livre para usar sua mão, mas a mão não é livre. Ela só faz o que o homem lhe ordena. É uma escrava dos seus músculos. Uma pessoa não salva deve agir em harmonia com sua

natureza enganosa, má e depravada. Ele não pode agir contrariamente ao que lhe é ordenado pelo seu coração.

O mesmo Deus que ordenou todos os eventos ordenou a livre agência do homem no meio do curso dos eventos que Ele pré-ordenou. O evangelho não é forçado sobre os eleitos contra suas vontades (Salmos 110:3). Suas vontades são mudadas mediante a regeneração, que os faz dispostos a aceitar o evangelho.

4

A Depravação da Vontade⁵

(Tiago 1:14,15)

Há um relato proverbial de que o pecado é uma criança a quem ninguém quer reivindicar. Nenhuma pessoa em seu estado de depravação quer admitir que a criança é sua. Os homens estão ansiosos por cometerem pecados, porém estão relutantes em admitir que eles conceberam ou o deram a luz.

O apóstolo Tiago traçou o pecado desde sua própria fonte até seu resultado final (Tiago 1:13-15). A tentação para pecar não é de Deus, porém da própria pessoa. Em toda sociedade, os homens começam muito cedo na vida a procurar arremessar o fardo do pecado de si mesmos para outro. “**Andam errados desde que nasceram, proferindo mentiras**” (Salmos 58:3).

Tiago apontou a origem do pecado do homem quando ele disse que todo homem é tentado quando de sua própria concupiscência é atraído e seduzido. O apóstolo não disse que o homem é atraído por Deus, pelas circunstâncias ou por Satanás. A palavra tentação é usada de duas maneiras nas Escrituras: (1) Significa prova quando é atribuída a Deus. Deus provou a fé de Abraão (Gênesis 22:1-14). Pelo fato da fé de Abraão ser sobrenatural, ele foi capaz de suportar a prova. (2) Indica um esforço pela solicitação ou outros meios para atrair a uma pessoa para o pecado (Tiago 1:13-15). Essa tentação não é de Deus, porém do próprio coração do homem.

O homem é tentado quando é atraído por sua própria concupiscência. Aqui Tiago não somente estava se referindo à impureza sexual. Ele falava da corrupção que possuem todas as faculdades respectivas da alma – o entendimento, a afeição e a vontade.

Algumas pessoas têm se equivocado em tentar determinar as causas do pecado. Os homens culpam ao próprio Deus pelo pecado. O decreto de Deus não é a causa do

⁵ Traduzido em 29 de Dezembro de 2003.

pecado. A distinção apropriada deve ser feita entre o decreto de Deus e a ação real que trouxe o pecado à existência. O decreto de Deus não tem influência causal na ação pecaminosa, posto que um decreto não opera para efetuar a coisa decretada. O propósito de Deus é uma coisa e Sua ação em trazer à existência o que Ele tinha proposto é outra. O pecado entrou no mundo pela queda de Adão e não pela mão criativa de Deus.

Toda coisa decretada acontecerá no tempo, porém a presciência de Deus de uma ação não faz necessária a ação. O que quer que o homem faça, bem ou mal, o faz com tanta disposição como se realmente sua vontade estivesse livre. A presciência de uma ação não influi ativamente na ação em si. Deus permanece onisciente, e Ele sabe todas as coisas que o homem fará. Não obstante, devemos distinguir entre a presciência de Deus de uma coisa e a atividade da coisa pré-conhecida.

Os homens também têm culpado aos corpos celestiais pela maldade sobre a terra. Porém as estrelas e os planetas não influenciam em nada sobre os homens nem os impelem a fazer o mal. A astrologia é uma ciência falsa que professa interpretar a influência dos corpos celestiais sobre os assuntos terrestres. A assim chamada ciência da astrologia é um ataque direto a Deus. O relacionamento entre estrelas e uma alma humana é impossível porque o relacionamento entre objetos inanimados e animados é impossível. (O sol, a lua e as estrelas influenciam as coisas que têm uma natureza comum com eles mesmos.)

Os astrólogos nada sabem sobre a graça de Deus. A Bíblia os condena, classificando-os como magos e encantadores (Daniel 1:20; 2:2,10,27; 4:7; 5:7,15). Isaías os chamou de aqueles que observam as estrelas e que contam os meses para prognosticar (Isaías 47:13), e rogou ao povo que livrassem a si mesmos deles.

Nem são a providência, os tempos, as pessoas e as circunstâncias as causas do pecado. Eles são somente as ocasiões para pecar. Estes são meios indiretos pelos quais os homens acusam a Deus com seu próprio pecado. Um homem nega sua responsabilidade para o pecado quando ele culpa algo ou alguém pelo seu próprio pecado. Os Cristãos recusam atribuir seu pecado a Deus. Quando a providência de Deus pôs a Bate-seba ante os olhos de Davi, Davi não acusou a Deus com seu pecado de adultério. A providência de Deus pôs um barco à disposição de Jonas, porém Jonas não acusou a Deus com seu pecado de escapar no barco e de procurar evitar cumprir a comissão de Deus a ele. A corrupção dos tempos só serve como uma ocasião para trazer à luz a manifestação das vontades depravadas dos homens perdidos.

Nem é a constituição e o temperamento do corpo do homem uma causa do pecado. A reação a certos produtos químicos no corpo de uma pessoa não a faz pecar. O corpo foi feito para servir, não para ordenar. A causa da maldade se encontra mais profundo

do que é revelado no ato do próprio pecado. Muitas irregularidades do corpo realmente vêm do coração, e não vice-versa: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o poderá conhecer?” (Jeremias 17:9). Toda maldade procede do coração: “Mas o que sai da boca procede do coração; e é isso o que contamina o homem. Porque do coração procedem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem...” (Mateus 15:18-20). O cometer real dos atos de pecado não causam a culpabilidade da pessoa por aqueles atos. Antes, a determinação da vontade do homem o faz um alcoólico, um adúltero, um ladrão ou um mentiroso: “Tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecar; engodando as almas inconstantes, tendo um coração exercitado na ganância, filhos de maldição” (2 Pedro 2:14). Uma pessoa com olhos cheios de adultério é uma que é totalmente presa e ocupada na mente, coração e vontade por contemplar com desejo. O mesmo é verdadeiro com todo tipo de pecado.

Nem pode o homem justamente acusar a Satanás por seu pecado. Satanás é o tentador, e ele é reconhecido como responsável pela tentação, porém aqueles que cedem à sua tentação não têm escusa. Um homem pode planejar um roubo e encarregar outro homem para realizar os seus planos, mas o segundo homem não é livre da culpa. Ele também é responsável pelo crime. Do mesmo modo, os indivíduos que cedem às tentações de Satanás são responsáveis por seu consentimento.

Qual, então, é a causa do pecado? Ela se encontra na vontade depravada do homem. Tiago armínio (Jacobus Arminius) declarou que todos os homens não regenerados, por seu livre-arbítrio, têm o poder para resistir ao Espírito Santo, rejeitar a graça oferecida de Deus, condenar o conselho de Deus concernente a si mesmos, rejeitar o evangelho da graça e recusar abrir seus corações para Ele, que bate. Isto é heresia. Um arminiano mais recente, seguindo o ensino de armínio, corretamente afirmou que o homem é totalmente incapaz de salvar a si mesmo, porém hereticamente declarou que o homem é capaz de exercitar suas faculdades de raciocínio, de liberdade da vontade e de escolha.

O arminiano grita, “Livre-arbítrio” como se somente a vontade tivesse escapado da queda – como se o pecado de Adão não houvesse afetado aquela faculdade nobre, virgem. Quando um arminiano conversador e um liberal discutem o tema do livre-arbítrio do homem, o arminiano afirmará que o homem tem um livre-arbítrio, e o liberal declarará que ele tem uma centelha divina. Contudo, livre-arbítrio e centelha divina não diferem essencialmente. Os dois pontos de vista são errôneos.

O homem é depravado – escravizado ao pecado. Se o homem tem um livre-arbítrio para escolher o bem ou o mal, porque universalmente os homens escolhem o mal? A razão é que sua depravação alcança até mesmo as suas vontades: “mas não quereis vir

a mim para terdes vida” (João 5:40). Os homens amam as trevas porque suas obras são más. Eles aborrecem a luz e a ela não vêm porque não querem que suas obras sejam expostas (João 3:19-21).

De acordo com os arminianos, o pecador possui o livre-arbítrio somente enquanto ele é um pecador. Quando alguém chega a ser um filho de Deus, ele se sujeita à vontade de Deus. Os arminianos dizem que todos os homens podem crer, porém a Bíblia ensina que eles não podem crer a menos que sejam ovelhas de Cristo (João 10:25-27). Os arminianos afirmam que todos os homens podem vir a Cristo, porém a Bíblia ensina **“ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer...”** (João 6:44).

Os arminianos fazem o maior subordinado ao menor, porém a Bíblia prova que Deus é maior que os homens. Portanto, não há compatibilidade entre as filosofias daqueles que crêem no livre-arbítrio e daqueles que crêem na livre graça. Todos que receberam a graça do soberano Deus seguem o ensino da Palavra de Deus sobre a livre graça.

O homem depravado é seduzido e enganado voluntariamente, atraído por sua própria concupiscência. Ele é molestado pela sua própria concupiscência: **“...a corrupção que já no mundo através da concupiscência”** (2 Pedro 1:4). O mundo é somente o objeto, não a causa de seu pecado. A concupiscência significa o desejo para e a inclinação para as coisas ilícitas. O desejo para os prazeres ilícitos é o vício da sensualidade. O desejo para as riquezas ilícitas é o fundamento para a fraude. O pecado da ambição faz com que alguém use métodos corruptos. O desejo por uma religião sem Cristo é o fundamento da idolatria e da superstição.

Satanás sabe que a sugestão é impotente sem a concupiscência. A chama é do diabo, porém a madeira para o incêndio está no ser do homem. O homem tem o poder para desejar e fazer coisas naturais (mundanas), porém ele não tem o poder para fazer as coisas espirituais. Como uma meretriz, a concupiscência atrai sua vítima em seu abraço e então concebe, ou engravida. Todo homem é atraído por sua própria concupiscência e seduzido. Quando sua concupiscência concebe, dá a luz ao pecado. Quando o pecado é consumado, dá a luz à morte. A concepção é produzida pela união da concupiscência e a vontade. A sugestão passa para o propósito. O desejo passa para a determinação.

O homem depravado é pior do que um boneco ou um robô. Um boneco é guiado pela habilidosa mão do marionetista, porém o homem não salvo é guiado pela depravação de sua própria vontade escravizada. O homem é um agente livre, pois ele não é forçado exteriormente; mas ele não tem o livre-arbítrio porque ele está atado por dentro. A faculdade da vontade foi afetada na queda. Ele é capaz de raciocinar e entender as coisas naturais, porém não é capaz de entender as coisas espirituais: **“Ora,**

o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Coríntios 2:14).

O homem não pode determinar sua vontade para o bem; somente a graça de Deus pode determinar essa direção da vontade do homem. Uma vontade enferma não pode prover uma cura espiritual – a cura deve vir de fora do homem. Semelhança produz semelhança; portanto, uma vontade depravada produz uma vontade depravada.

Os advogados do livre-arbítrio crêem que a menos que o homem esteja completamente livre, Deus lhe manda fazer o que ele não pode. O pecado do homem deve ser considerado neste ponto. Deus não é a causa do pecado do homem; nem é a causa da condição caída do homem.

Todos nós estaríamos de acordo que uma pessoa tem o direito de demandar o pagamento de um ladrão pelas coisas roubadas de seu lar – ainda que o ladrão possa ou não pagar. Do mesmo modo, Deus tem o direito de demandar a retidão do homem que é incapaz de fazê-lo por causa de seu próprio pecado. Deus ordenou ao homem que tinha uma mão seca que a estendesse (Lucas 6:6-10). Embora Lázaro estivesse na sepultura há quatro dias e fedendo, o Senhor disse-lhe para sair para fora (João 11). Embora o homem seja impotente, ele é, todavia responsável. Ele é incapaz de arrepender e crer aparte da graça, mas Deus lhe ordena que faça ambos (Atos 17:30; 20:21), Quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios (Romanos 5:6). O plano inteiro da graça é construído sobre o fato de que, embora todos os homens sejam incapazes, eles são responsáveis, e que Jesus Cristo morreu pelos Seus dentre eles.

A liberdade da coerção é uma coisa, porém a liberdade de dentro é outra. O homem caído está desprovido de poder espiritual, e a morte espiritual está escrita sobre toda pessoa. Como Nicodemus, o homem está preso ao novo nascimento (João 3:1-18); e como o leproso, ele está preso à vontade de Deus. A Bíblia sustenta a responsabilidade do homem, mas também tira do homem caído o poder espiritual. Toda jactância é excluída, e toda glória é concedida ao soberano Deus (Romanos 3:26-28).

O homem em seu estado natural é incapaz de estar disposto ou não disposto para ser capaz de vir a Cristo. Sua vontade é totalmente depravada, que é o resultado de sua condição caída. Deve estar claro o fato que a capacidade natural e a incapacidade espiritual diferem. A capacidade natural de uma pessoa lhe capacita a estar presente no lugar onde a Palavra de Deus é proclamada. A capacidade natural de Lídia lhe deu poder para ir ao lugar onde ouviu Paulo expondo a palavra de Deus. Contudo, foi um ato do soberano Deus que abriu seu coração para entender a proclamação por Paulo

(Atos 16:13,14). A capacidade natural de um indivíduo lhe faz responsável por seu pecado, porém sua depravação lhe faz espiritualmente incapaz de vir a Cristo. A depravação da vontade se deve ao pecado, e o pecado é a causa da concupiscência do homem. Não há esperança para ninguém aparte da graça de Deus.

5

*Deus Destronado pelo Livre-Arbítrio*⁶

(João 5:40; Atos 18:27; 1 Pedro 1:18-25)

A heresia do livre-arbítrio destrona a Deus e entroniza ao homem. Os defensores do livre-arbítrio insistem que Deus seria injusto e tirânico em controlar a vontade do homem. Eles não vêem nada egoístico ou satânico em intentar algemar ou dirigir a vontade de Deus. Estes homens de mentes naturais supõem que suas próprias vontades néscias não podem ser gratificadas a menos que o Deus todo sábio consinta em abdicar de Sua vontade. A doutrina do livre-arbítrio do homem rasga as rédeas do governo das mãos do soberano Deus. O caráter de Deus é difamado por toda pessoa que crê no livre-arbítrio. As naturezas depravadas fazem aos homens indispostos de submeterem-se à vontade de Deus. Sua incapacidade impede sua vinda a Jesus Cristo: “E não quereis vir a mim para terdes vida” (João 5:40).

A teoria arminiana é politeísta em seu conceito da primeira causa. Rende-se à mesma tentação de Satanás que Eva cedeu no jardim do Éden: “...e sereis como Deus...” (Gênesis 3:5). O livre-arbítrio é atrativo aos homens naturais porque ele apela ao seu orgulho. Impressiona sobre eles o fato de que têm poder sobrenatural que lhes dá autodeterminação para com Deus, para com a justiça e a santidade. É blasfêmia pensar que um homem tem a capacidade dentro de si mesmo de controlar a vontade de Deus!

O conceito arminiano leva os homens a crer que devem primeiro ascender a Deus antes que Deus desça a eles. Os ministros e os outros que seguem esta noção apelam para que os homens venham a Cristo, dizendo-lhes que se vieram a Cristo, Cristo virá a eles. Isso contradiz as Escrituras. O Senhor vê a aflição de Seu povo e desce para livrá-los. Os israelitas não ascenderam primeiro a Deus – o soberano Deus desceu para ajudar Seu povo desamparado, eleito (Êxodo 3:7,8). O Senhor Jesus Cristo deixou o céu e toda sua glória para vir ao mundo salvar aqueles que o Pai Lhe deu no pacto da

⁶ Traduzido em 31 de Dezembro de 2003.

redenção: “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido ” (Lucas 19:10).

Somente o Espírito Santo tem a prerrogativa de mandar as pessoas vir a Jesus Cristo. Ele lhes dá o poder para vir pela regeneração. Um ministro que manda seus ouvintes deixarem seus assentos e vir à frente, dando a impressão que eles podem vir a Jesus Cristo por sua fé, assume a prerrogativa do Espírito Santo. Nenhuma pessoa pode usurpar a obra oficial do Espírito Santo de chamar eficazmente as pessoas à salvação. Os ministros podem somente proclamar a Palavra de Deus, apontando aos homens o Cordeiro de Deus (João 1:29). O homem não tem capacidade para chamar outros das trevas para a luz.

O enfoque arminiano é errôneo. O pecador não pode ascender primeiro a Deus antes que o Senhor desça para ajudá-lo. As duas verdades do Antigo Testamento da ordem dos vasos do tabernáculo (Êxodo 25-40) e a ordem das oferendas (Levítico 1-5) nos revelam que Deus toma a iniciativa. A arca do concerto com seu propiciatório representa o lugar onde Deus está. A descrição de Deus dos vasos começou consigo mesmo e desceu com cada um dos vasos – o incensário de ouro, o candelabro, a mesa dos pães da proposição, a pia e finalmente o altar de bronze onde Ele encontrou o pecador. O holocausto, que representa o que Jesus Cristo é para Deus, foi o primeiro na ordem. Seguiu a oferenda queimada, mostrando o que Ele é em Sua natureza humana e impecável; e depois a oferenda de paz, a oferenda de pecado e a oferenda de expiação, onde Deus encontra o pecador. Esta ordem divina é revertida por toda pessoa que crê no livre-arbítrio.

Os arminianos crêem que a vontade do homem precede a de Deus. Contudo, a vontade de Deus não somente planejou e providenciou a salvação, mas também a aplica. A aplicação de Deus da salvação é resistida pelo livre-arbítrio dos arminianos – a vontade-própria é a essência das religiões anti-Cristãs. Sua suposição de que Deus é um tirano ao salvar uma pessoa contra sua vontade é um mau entendimento da salvação. Deus opera numa pessoa para fazê-la disposta quando Ele imparte a regeneração: “ Teu povo apresentar-se-á voluntariamente no dia do teu poder... ” (Salmos 110:3)

Os arminianos afirmam que o livre-arbítrio pertence tanto ao homem como a Deus. Contudo, somente a vontade de Deus é absolutamente livre. No momento que uma pessoa aceita que o Criador está subordinado à criatura, ele está juntando as forças com todas as filosofias vãs do mundo. A religião do homem o coloca sobre o trono e subordina a Deus. Deus não vive para a humanidade – antes que Deus criasse ao homem ou qualquer criatura, Ele vivia para Si mesmo; e Ele continua assim fazendo. Deus é imutável, e Ele viverá para Si mesmo para sempre: “Porque dEle, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas: glória, pois, a Ele eternamente...” (Romanos 11:36).

A teoria arminiana é contrária às Escrituras porque nega a depravação, indicando que a vontade do pecado pode, aparte da graça, fazer uma escolha espiritual e tem dentro de si mesma poder para se voltar do mal. Os arminianos insistem que se uma pessoa não salva estivesse contra Cristo, ela não poderia vir a Cristo, e visto que ela pode vir a Cristo, ela não está contra Deus. Mas a Escritura diz que a vontade depravada é contra o Senhor Jesus Cristo: “Quem não é comigo é contra mim ...” (Mateus 12:30). Note que Cristo não disse: “Quem não é comigo ‘não é’ contra mim”, mas, “Quem não é comigo ‘é’ contra mim”.

É Satanás ou o Senhor Jesus Cristo quem domina cada indivíduo debaixo do céu. Toda pessoa não salva é dominada por Satanás. Ele anda segundo o curso deste mundo, de acordo com o príncipe das potestades do ar. Ele é por natureza um filho da ira (Efésios 2:1-3). Os filhos de Deus, por outro lado, são dominados pelo Senhor Jesus Cristo. Eles foram libertos da escravidão de Satanás e foram feitos escravos de Jesus Cristo. (1 Coríntios 7:22,23).

O Arminianismo é oposto à doutrina da divina eleição. Seus seguidores pensam que sua doutrina do livre-arbítrio destrói aquela verdade Bíblica. Porém deixai o assim chamado livre-arbítrio fazer tudo o que pode – não pode evitar o pecado e assegurar o perdão de Deus se Deus retiver o Espírito de regeneração. Se o livre-arbítrio é o mesmo em todos os homens, porque alcança a salvação em alguns e não em todos? Os Arminianos não podem responder esta questão. A resposta se encontra na livre graça. “...E creram tanto quantos estavam ordenados para a vida eterna” (Atos 13:48). A graça de Deus é o que faz aos crentes reagirem diferentemente dos incrédulos.

A teoria Arminiana rejeita a doutrina Bíblica da reprobção. Contudo, a Escritura ensina que Deus negativamente e positivamente rejeita homens por sua própria condição pecaminosa.

Há pelo menos sete verdades que os arminianos não sabem ou voluntariamente rejeitam a despeito das evidências Bíblicas:

PRIMEIRO: Os arminianos rejeitam o fato que a vontade não regenerada está posta contra a verdade de Deus. A vontade não regenerada do homem não pode entender as coisas espirituais (1 Coríntios 2:14). Ele odeia a verdade divina (João 3:19-21). Ele não busca ao Senhor (Romanos 3:11). Conclusivamente, o entendimento, a afeição e a vontade do homem são depravadas. Visto que seu entendimento não compreende as coisas espirituais, ele não tem afeição pelas coisas de Deus; e sua vontade não pode ser determinada para as coisas de Deus.

Visto que o desejo para a verdade deve ser dado pelo Senhor, a verdade sempre é ofensiva ao não regenerado. Os homens naturais amam mais às trevas do que à luz

porque suas almas com todas suas faculdades são depravadas (João 3:19,20). Eles odeiam tudo o que pertence à justiça, à verdade e a Deus porque seus feitos são maus. A persuasão por quaisquer meios não pode atrair uma pessoa a Cristo. Um indivíduo não pode efetuar dentro de si mesmo um desejo para remediar sua condição. Ele é incapaz de estar disposto. Ele deve ser atraído por um poder fora de si mesmo.

SEGUNDO: Os arminianos rejeitam o fato de que a vontade não regenerada deve ser afetada pelo poder divino. Se a vontade de um homem não regenerado nunca foi afetada a não ser pela persuasão moral, ela nunca foi sujeita ao evangelho de Jesus Cristo. O homem natural tem a luz com a qual ele nasceu: “Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo ” (João 1:9). Ele é capaz de considerar certos assuntos. Ele tem uma consciência que o acusa ou o defende: “ ...fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei, os quais mostram a obra da lei escrita no seu coração, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os ” (Romanos 2:14,15).

A consciência deve ser purificada pelo sangue de Jesus Cristo para ser livre da ofensa (Hebreus 9:12-14). Toda pessoa tem dentro de si mesma conhecimento intuitivo suficiente para se apresentar inescusável diante de Deus. Ela tem capacidade de reconhecer as evidências que testificam da existência do Criador (Romanos 1:19,20). Porém o homem natural não pode ter luz espiritual até que o soberano Deus em Seu beneplácito a dê. A Luz da Vida (João 8:12) é possuída somente por aqueles que foram regenerados pelo Espírito pelo Deus (Romanos 8:1-4).

TERCEIRO: Os arminianos rejeitam o fato de que a impotência natural da vontade não pode ser curada pela persuasão moral. Esta é a atitude geral entre o Cristianismo professante; portanto, os arminianos adotam táticas e truques diferentes para atrair às pessoas para os seus lugares de adoração. A maioria delas tolerará alguma doutrina, enquanto elas puderem ter uma parte em algum lugar na operação do programa da igreja. Eles consideram a doutrina secundária porque sentem que estão alcançando às pessoas com seus programas. Contudo, somente a regeneração pelo Espírito de Deus persuade os homens a virem para Cristo (1 Pedro 1:20,21).

QUARTO: Os arminianos rejeitam o fato de que a vontade não renovada do homem não despreza à vontade simplesmente porque não a entende. Alguns argumentam que o pecado receberá o evangelho se este for feito claro para ele. Esta é a razão pela qual os homens recentemente têm compilado muitas versões da Bíblia. Porém se a explicação por si só pode convencer os homens para Cristo, eles amariam à verdade e rejeitariam o erro – e este não é o caso.

Qualquer um que tenha nascido de novo pelo Espírito de Deus pode entender a Bíblia, mas aparte do novo nascimento, ele não pode entender a Palavra de Deus apesar de sua interpretação pelo homem. Um Cristão tem a mente de Deus, e tem sido iluminado pelo Espírito Santo. Suas afeições são movidas pelo que ouve com sua mente iluminada. Sua vontade é inclinada e auto-determinada para aceitar o que seu entendimento tem recebido e sua afeição ama e deseja.

O apóstolo Paulo sabia que a menos que o Espírito de Deus iluminasse às mentes daqueles que escutavam, eles não poderiam entender, apesar da maneira da qual a Palavra era proclamada. Esta é razão pela qual o apóstolo nunca pediu orações para que o evangelho fosse simplesmente declarado ou exposto de uma maneira que pudesse ser entendido por pessoas não salvas. Ele só pediu orações para que ele pudesse ter a liberdade do Espírito para proclamar a Palavra (2 Tessalonicenses 3:1).

A filosofia arminiana concernente à simplificação da Palavra para o benefício dos homens é uma negação da verdade de que o homem é depravado. A vontade não regenerada do homem está posta contra a verdade de Deus. Quanto mais clara a verdade for posta diante dele e pressionado sobre ele, mais seu ódio cresce e aumenta. Essa reação entre os homens foi demonstrada na resposta às palavras do próprio Senhor Jesus Cristo (João 6:41,52,60,66). Eles “ disputavam entre si ” (v. 52), e diziam que as palavras do Senhor foram “ duras ” (v. 60), e “ já não andavam com ele ” (v. 66). As palavras do Senhor estavam cheias com a compaixão, o Espírito e a verdade. Nenhum pregador foi maior do que Ele. Contudo, aqueles ouvintes não foram persuadidos. De modo oposto, todos que foram regenerados pelo Espírito de Deus respondem à palavra de Deus do mesmo modo que Pedro, o porta-voz dos doze, quando questionado pelo Senhor: “ .. . Quereis vós também retirar-vos? Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna, e nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus ” (João 6:67-69). Esta é a resposta dada por toda pessoa que crê nas doutrinas da graça.

QUINTO: Os arminianos rejeitam o fato de que a incapacidade do homem para cumprir a lei não provém da natureza da lei, porém da corrupção da vontade do homem. Contudo, o homem não pode possivelmente cumprir a lei de Deus. Ele não pode amar ao Senhor com todo o seu coração, alma, mente e força e seu próximo como a si mesmo (Lucas 10:27). Ele não pode amar ao Senhor até que tenha sido primeiro amado pelo Senhor. O amor é recíproco: “ Nisto está o amor: não em que tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou e enviou Seu Filho para propiciação pelos nossos pecados ” (1 João 4:10). Contudo, Deus pode ordenar ao homem fazer o que por sua própria condição pecaminosa ele não seja capaz de fazer (Atos 17:30).

SEXO: Os arminianos rejeitam o fato de que a vontade não renovada do homem está escravizada ao pecado e ao ego. Porém a Escritura ensina que a vontade do homem está escravizada ao ego e, portanto está escravizada ao pecado. Um fazendeiro rico demonstrou esta verdade em Lucas 12:18-19. Ele não teve lugar suficiente para armazenar seus frutos e demonstrou sua vontade egoísta dizendo, “...Farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; e direi à minha alma...” Ele se referiu quatro vezes à sua própria vontade. A vontade de Deus não entrou em seus pensamentos.

A maioria entre os Cristãos professantes não tolerarão o ensinamento de que a vontade do homem é depravada porque não querem crer que suas próprias vontade são depravadas. Eles preferem a felicidade hipócrita e não querem estar turbados. Porém, apesar de tudo, é verdade que a vontade do homem não regenerado está espiritualmente morta. Ela é feita ativa somente pela obra de Deus na regeneração.

João 1:12 é freqüentemente usado para sustentar a teoria do livre-arbítrio. Contudo, seu contexto prova o contrário. As palavras “mas a todos quantos...” implica uma antítese. Ninguém pode provar a doutrina do livre-arbítrio a partir destes versos no primeiro capítulo de João. O poder, privilégio ou direito de se tornar os filhos de Deus não é potencial senão real. O privilégio não indica qualquer tipo de faculdade de meio – o privilégio é pleno e completo. O poder é dado àqueles que já creram.

Os arminianos confundem a potencialidade indefinida com o resultado presente. Os homens se tornam filhos de Deus (no sentido familiar) pela regeneração, e se tornam filhos de Deus (no sentido legal) pela adoção. Aqueles que crêm já foram regenerados. A fé flui desde sua fonte – a regeneração – e não vice-versa. Quando o Senhor respira a fé em um indivíduo, Ele o regenera de uma maneira oculta e secreta desconhecida para essa pessoa.

SÉTIMO: Os arminianos rejeitam o fato de que o querer e o correr do homem são os frutos da graça e que a graça não é o fruto do querer e o correr. Mas as idéias da livre graça e do livre-arbítrio são diametralmente opostas. Todos aqueles que são estritos advogados do livre-arbítrio são estranhos à graça do soberano Deus. O querer e o correr são os frutos da graça: “Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece” (Romanos 9:16). Os homens não trabalham nem se esforçam para conseguir um bilhete para o céu. Isto foi providenciado para os eleitos na obra redentora de Jesus Cristo. Como um recipiente da obra redentora de Cristo, uma pessoa vive e trabalha para Cristo. Um crente está disposto a morrer para si mesmo diariamente (1 Coríntios 15:31).

Contrário ao ensinamento arminiano de que o homem tem a vontade para crer, a Escritura afirma que ele crê através da graça: “...os irmãos o [Apolo] animaram e escreveram aos discípulos que o recebessem: e tendo ele chegado, auxiliou muitos aos que pela graça haviam crido ” (Atos 18:27). Alguns afirmam que a palavra “graça” neste versículo aplica-se ao evangelho, e outros pensam que se refere à eloquência de Apolo. Nenhuma destas interpretações suportará a prova da Escritura. O Deus da natureza é também o Deus da graça. Sua influência em uma dimensão corresponde impressionantemente com Sua agência na outra. Deus não somente traz as criaturas ao mundo da natureza, mas também provê para o seu sustento.

A salvação genuína consiste mais do que um assentimento mental da mente em certas verdades: “ Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação ” (Romanos 10:10). Primeiro uma pessoa crê com seu coração; então confessa essa salvação com sua boca. O estado de seu coração corresponde com sua mente.

Um perigo de decepção surge da íntima semelhança entre a fé falsa e a fé genuína. No tempo devido uma pessoa prova se a ele foi dado um simples assentimento mental em algumas verdades históricas ou se ela foi regenerada pela livre graça. O indivíduo em cujo coração o Senhor fez uma obra da graça deseja a Palavra de Deus pela qual ele possa crescer (1 Pedro 2:2). As boas obras seguem a purificação do coração pela fé (Atos 15:9; Tiago 2:17-26). A fé obra por amor (Gálatas 5:6).

Em geral as pessoas ímpias dão crédito às Escrituras, porém detêm a verdade de Deus em injustiça (Romanos 1:18). Os homens têm uma tendência de estarem satisfeitos com um simples assentimento da mente, que é vazia sem a obediência do coração (Romanos 6:17; 2 Coríntios 3:18).

A fé salvadora é mediante a graça (Efésios 2:8-10). Desde a fonte da graça, o Objeto de fé vem como uma revelação. O Senhor Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, é o Objeto de fé. A Palavra Escrita que revela o Verbo Encarnado é também um objeto de fé.

A fé salvadora é trazida à existência pela produção divina. O próprio Cristo atribuiu sua origem a Deus o Pai: “...carne e sangue não te revelou, mas meu Pai que está no céu ” (Mateus 16:17). O exercício da fé vem daquela fonte divina. Então é exercida em cada condição da existência de um. É manifestada durante a prosperidade, a adversidade, a saúde e a enfermidade, e na devoção e serviço. Visto que a fé dada por Deus é mantida pela intercessão de Cristo, ela não pode ser perdida. O Senhor Jesus Cristo orou para que a fé de Pedro não desfalecesse (Lucas 22:32). A obra intercessória de Jesus Cristo garante o sustento da fé do regenerado.

Nenhuma pessoa pode crer no Senhor Jesus Cristo sem a assistência da graça de Deus (1 Pedro 1:18-21). Primeiro ele deve ser regenerado pelo Espírito de Deus. Os crentes não são recipientes passivos da graça de Deus. Sua fé dada por Deus tem um efeito purificador em suas vidas.

O crente em Jesus Cristo necessita de constante assistência durante sua peregrinação terrestre. Uma pessoa pode questionar a realidade de sua fé, porém os Cristãos nunca negam a eficácia da fé sobrenatural e divina. Visto que a fé vem da graça de Deus, os homens estão equivocados ao pensar que o homem tem a virtude, a capacidade ou o poder para exercitar seu próprio livre-arbítrio e escolha. Os Cristãos são os que são pela graça de Deus (1 Coríntios 15:10).

A graça de Deus conduz seus recipientes a sentirem suas deficiências no conhecimento, na santificação e na competência. Eles nada sabem de como devem saber (1 Coríntios 8:2), porém Deus proveu assistência para todos os Seus filhos. Ele ordenou a igreja com seus presbíteros divinamente escolhidos para instruí-los e guiá-los, a fim de que eles não ficassem desorientados, de um lado para outro (Efésios 4:11-16).

6

*Predestinação e Livre-Agência*⁷

(Romanos 8:29,30; Efésios 1:5,11)

Como é que uma pessoa pode ser um agente livre e responsável se suas ações foram predeterminadas desde a eternidade? “Agente livre e responsável” indica que uma pessoa inteligente atua com autodeterminação racional. O termo pré-ordenação significa que desde a eternidade Deus fez certo o curso de eventos que ocorrerão na vida de cada pessoa e no curso da natureza. O mesmo Deus que ordenou todos os eventos, ordenou a livre agência do homem no meio daqueles eventos pré-ordenados. A livre agência está debaixo da soberania absoluta de Deus.

O evangelho não é forçado sobre ninguém contra sua vontade. O homem é feito disposto no dia do poder de Deus (Salmos 110:3). Se a absoluta determinação dos eventos estivesse nas mãos do homem, o homem teria se tornado superior a Deus. Sua vontade teria se tornada primária e a vontade de Deus, secundária. De modo oposto, a Bíblia ensina que a vontade de Deus é suprema e não depende do homem. A vontade de Deus faz a vontade do homem disposta para aceitar o evangelho, ao qual por natureza ele é oposto.

A palavra predestinação é uma tradução da palavra grega *prooridzo*, a qual é constituída de duas palavras gregas. O sufixo *horidzo* significa assinalar, apontar, decretar, determinar ou ordenar. O prefixo *pro* significa pré, na frente de, anterior a, ou antes. Portanto, a palavra composta traduzida significa determinar ou apontar de antemão. Isso coloca uma limitação sobre alguém de antemão, e traz uma pessoa para dentro da esfera de um certo futuro, ou destino. Conclusivamente, os conhecidos de antemão têm limitações postas ao redor deles que lhes trazem para dentro da esfera de se tornarem os filhos de Deus (Efésios 1:5) e chegar a serem conformados à

⁷ Traduzido em 01 de Janeiro de 2004.

imagem de Jesus Cristo (Romanos 8:29). Então, a glória e a honra devem ser atribuídas ao soberano Deus por todo recipiente de graça.

Somente uma pessoa governada por sentimentos naturais mais do que por uma revelação da verdade através de uma mente santificada, poderia acusar àqueles que crêem na predestinação absoluta de fatalismo. Uma pessoa erroneamente disse que a conclusão lógica de crer que os eventos ocorrem como pré-determinados, é que Deus é o culpado de todos os tipos de pecado.

Outros consideram a soberania divina e a responsabilidade humana como uma das muitas antinomias Bíblicas. Eles ilustram sua crença comparando a assim chamada antinomia à duas forças naturais - força centrífuga e centrípeta. Eles dizem que estas são duas forças complementarias que contribuem para a operação harmoniosa do universo, e são análogas à soberania divina e a responsabilidade humana. Eles concluem que antinomias na natureza provam que há antinomias na teologia Bíblica. Eles crêem que visto que o Autor da natureza é o Autor da revelação, alguém pode concluir razoavelmente que a Escritura contém dificuldades análogas àquelas na natureza.

Contudo, os Reformadores e pais da igreja primitiva corretamente interpretaram a predestinação e a livre agência do homem. Eles afirmaram que as duas verdades Bíblicas não se contradizem. A mescla da soberania absoluta de Deus e da livre agência do homem é ilustrada em todo reino terrestre. O rei tem o direito para impor leis, e seus súditos têm o dever de observá-las. O direito de Deus para impor a lei provém de Sua soberania. O dever do homem de observar Sua lei advém de sua responsabilidade como um ser criador a seu Criador.

Discutamos a predestinação e a livre agência a partir de três premissas: (1) A predestinação Bíblica não é fatalismo. (2) A predestinação Bíblica não elimina a livre agência do homem. (3) A predestinação Bíblica não reduz a vontade do homem a uma mera máquina.

1. A PREDESTINAÇÃO BÍBLICA NÃO É FATALISMO. O conceito Maometano de predestinação é fatalista. No genuíno fatalismo, o destino é uma força natural. O fatalista exclui a mente e o propósito, e confunde Deus com a lei natural. De acordo com o Estóico, Deus é a lei natural e Seu outro nome é Destino. Ele crê que as ações humanas brotam das forças irracionais. Contudo, o Cristão, está seguro de que as ações procedem da mão do amado Pai celestial. Ele pode dizer com o Salmista, “ O Senhor é o meu pastor...Ele me faz deitar em verdes partos: guia-me mansamente a águas tranquilas. Ele refrigera a minha alma: guia-me pelas veredas da justiça...Tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim....unges a minha cabeça com óleo...” (Salmo 23).

Se um fatalista fosse verdadeiramente consistente, deixaria de comer. Depois de tudo, de qualquer maneira ele vai morrer. E se seu destino é viver muitos anos, não necessita comer – ele não pode morrer se seu destino é viver muitos anos. Então, veja, nenhuma pessoa pode ser consistentemente fatalística. Visto que Deus pré-ordenou que um homem viverá, Ele também pré-ordenou que ele será guardado da insensatez suicida de recusar comer.

O fatalismo é uma doutrina pagã, mas a predestinação é uma doutrina Cristã. É chamada “destinação” porque compreende uma determinada ordem dos meios para o fim. Ela é chamada “pré”-destinação porque Deus apontou aquela ordem em e consigo mesmo antes da existência real destas coisas que Ele ordenou. A providência de Deus completa no tempo o que Ele predestinou na eternidade.

A predestinação reconhece a ordem do universo. Visto que Deus é o Deus da ordem, a predestinação não somente chama a atenção para Deus, mas para a teodicéia – a vindicação de Deus em todas as suas ações. A providência é a predestinação em execução, e a predestinação é a providência em sua intenção. O Cristão vê “através da” e não “na” providência para contemplar o cumprimento da vontade predeterminada de Deus. Portanto, ele não entra em pânico sob as circunstâncias, porém, vê a determinação de Deus antes da fundação do mundo revelada através de Suas ações providenciais.

O Cristão não está nas mãos de um frio, imutável determinismo, porém nas mãos do afetuoso, amoroso Pai celestial. A tribulação que experimenta o ensina dar glória a Deus (Romanos 5:3-5). A fé de todo Cristão é provada assim. A fé de Abraão foi provada severamente quando Deus lhe disse que oferecesse Isaque. Todavia, ele voluntariamente negou suas próprias ambições egoístas e fez como Deus lhe mandou. O Senhor impediu Abraão de matar seu filho, e Ele providenciou um substituto (Gênesis 22:1-13). Abraão não estava realmente obrigado a matar seu filho, mas o desejo de cumprir a vontade de Deus estava em seu coração. Ele olhou através daquele ato providencial e viu a manifestação do propósito eterno de Deus.

A predestinação significa que Deus criou todas as coisas, e Sua providência se estende a todas as Suas obras. O próprio Deus é livre, e Ele providenciou que o homem seja livre dentro dos limites de sua natureza. Embora o homem não tenha um livre-arbítrio, ele é um agente livre.

A salvação certa de alguns não é impedimento para os esforços de todos. Suponha que um ministro pudesse assegurar a uma assembléia de pessoas não salvas que dez delas seriam salvas, porém ninguém soubesse quem eram os dez. Isto não desencorajaria os outros na congregação, e não desencorajaria a proclamação do evangelho. Faria com que todos quisessem estar sob o somido do evangelho visto que Deus chama por meio

do evangelho. Os ministros que crêem na verdade da predestinação podem pregar com convicção, determinação e segurança. A Palavra que é pregada em toda sua pureza não voltará vazia, porém realizará o propósito para o qual Deus a enviou: “ Assim será a palavra que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia; antes, fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a envie i” (Isaías 55:11). Então, as pessoas quem proclamam a verdade tornam-se “ ...o bom cheiro de Cristo, nos que se salvam, e nos que se perdem: Para estes, certamente, cheio de morte para morte; mas, para aqueles, cheiro de vida para vida... ” (2 Coríntios 2:15,16). A predestinação divina assegura a salvação para alguns. Contudo, a suposição Arminiana de que Jesus providenciou salvação para todos, não a faz segura para ninguém – todo homem deve exercer seu próprio livre-arbítrio, e não há segurança de quem alguém o fará.

A razão primária do porquê um homem tende a objetar contra a predestinação é sua indisposição de reconhecer que ele está à disposição de outro. O homem deseja mais autodisposição do que ser controlado pelo soberano Deus. Um hino freqüentemente cantado que afirma que alguém foi “uma ovelha errante que não seria controlada” deveria ser corrigido para declarar que ele não admitiria que fosse controlado. A verdade da predestinação destrói o orgulho de uma pessoa e a lança aos pés do soberano Deus.

2. A PREDESTINAÇÃO BÍBLICA NÃO ELIMINA A LIVRE AGÊNCIA DO HOMEM. Deus ordenou a história humana e a livre agência no meio dela. A autodeterminação pertence somente ao homem. Deus tem o direito de fazer leis, e o homem é obrigado a obedecê-las. O homem é responsável por sua volição – sua disposição, ou inclinação, é auto-movida. Um animal não é responsável por sua volição porque o instinto não é auto-movido. A espontaneidade no homem é a autodeterminação racional, enquanto que num animal é nada mais do que o instinto físico. A espontaneidade do homem é o objeto da aprovação ou desaprovação – seu sentido de razão o faz responsável. Contudo, a espontaneidade num animal não é o objeto nem de aprovação bem de desaprovação. Um animal não é um agente livre.

As ações livres do homem não são excluídas da pré-ordenação de Deus. Além do mais, a pré-ordenação de Deus não deve ser considerada como o passar por cima da livre agência do homem. A servidão da vontade depravada não transforma a história num show frívolo de marionetes. Porque Judas seguiu seus próprios desejos depravados, o Senhor lhe disse que bom seria que ele não tivesse nascido (Marcos 14:21).

A questão concernente ao pecado e à santidade relaciona mais à inclinação do que à volição. As inclinações são nascidas no homem, porém não as escolhas; a vontade não é determinada pelo estado precedente da mente. Conseqüentemente, um homem é livre enquanto suas volições forem as expressões conscientes de sua própria mente, ou sua atividade for determinada e controlada por sua razão e temores.

A presciência e a pré-ordenação permanecem ou caem juntas. Visto que Deus sabe até as coisas mais infinitesimais (Mateus 10:29,30), é contraditório dizer que Ele conhece de antemão a certeza de um evento que em sua própria natureza é incerta. A certeza divina não conflitua com a livre agência, visto que o decreto de Deus não produz um evento. O mesmo decreto que determina a certeza de um evento também determina a liberdade do agente do evento.

Se a presciência de Deus fosse inconsistente com a livre agência, Sua pré-ordenação seria inconsistente com ela. Deus é um Agente livre, e é uma certeza que Ele sempre fará o que é certo. A vontade do homem nada faz por coação externa, visto que a determinação exterior de um ato o faz não ser livre. A vontade do homem é, ao contrário, constrangida de dentro. A determinação interior e racional demonstra a liberdade de um ato. A ação impulsionada de dentro prova a agência livre do homem. Embora uma pessoa possa ser inconsciente desta ação, desde o primeiro aos últimos momentos de sua vida, ele age em absoluta subserviência aos propósitos e decretos de Deus concernentes a ele.

3. A PREDESTINAÇÃO BÍBLICA NÃO REDUZ A VONTADE DO HOMEM A UMA MERA MÁQUINA. As alternativas para a predestinação são o determinismo e o indeterminismo. O determinismo ateu recusa reconhecer a Deus como a causa primária. Ele não vai mais além com causas do que os limites deste mundo. O determinismo não ateu traça a casualidade a Deus, mas este tipo de casualidade exclui a responsabilidade humana. Embora o termo determinismo tenha vindo do vocabulário de conversações Cristãs, a doutrina Cristã da predestinação e da livre agência apresenta algo, exceto o determinismo e o indeterminismo. A palavra de Deus revela a atividade onipotente de Deus e ao mesmo tempo a responsabilidade humana.

O determinismo e a livre agência são incompatíveis. Portanto, o divino determinismo difere do determinismo como é entendido geralmente. A rigidez do determinismo não é encontrada em nenhuma parte das Escrituras, porém nem são a responsabilidade, a culpabilidade e o castigo excluídos pelo poder soberano de Deus. Todo homem "...dará conta ao que está preparado para julgar os vivos e o mortos" (1 Pedro 4:5). "De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus" (Romanos 14:12).

Aqueles que crêem que a soberania absoluta de Deus e a responsabilidade do homem são contraditórias devem abraçar uma das duas perspectivas errôneas. Eles fazem ao homem o criador dos eventos, e colocam a história em suas mãos; ou eles fazem da história um jogo divino no qual os seres humanos, vazios de responsabilidade, são impulsionados como o jogo de damas.

Uma compreensão Bíblica da soberania de Deus e da livre agência do homem não conduz uma pessoa a ser indiferente para com tudo porque tudo está predestinado.

Muitos reagem dessa maneira após o primeiro contado com o conhecimento da soberania absoluta de Deus, mas a instrução mais profunda na Palavra de Deus os leva a ver o dever do homem. A predestinação e a responsabilidade não são competitivas ou idéias mutuamente exclusivas como o determinismo racionalizaria. A Bíblia ensina uma atividade divina “sobre” e “em” todas as atividades do homem. Deus rejeita o que Ele não produz casualmente.